

## ELEIÇÕES DIRECTAS

# Novo líder do PSD procura o proveito para justificar a fama de “partido de poder”

Em 1995, o então ministro do Mar de Aníbal Cavaco Silva descansava a massa militante do PSD, ao garantir que o afastamento iminente do então primeiro-ministro não seria um tabu e o partido voltaria a ter uma liderança forte. Quinze anos e sete líderes depois, Artur Azevedo Soares assume ao **Negócios** o puro engano, afinal tão comum, quando se formulam vaticínios políticos.

Hoje, perto de 79 mil militantes do PSD voltam às urnas na esperança de eleger um líder que concretize a afirmação definitiva de um partido que, desde o fim do “Cavaquismo” (no papel), vive em permanente convulsão interna. Não estaria certamente a pensar no PSD, mas não teria Churchill encontrado melhores palavras a encaixar no partido quando celebrizou a ideia de que “na política há inimigos, adversários e... companheiros de partido”.

Mais do que discordâncias programáticas, têm sido as divergências balcânicas de personalidade (que, em uso eufemístico, o PSD advoga serem antes “sensibilidades”), a trituração de líderes em cadeia. Em especial desde o abandono de Durão Barroso, o último momento de estabilidade interna, potenciado pela passagem pelo Governo. Ex-líderes que sentiram na pele a intransigência militante, como Santana Lopes, Marques Mendes, ou Luís Filipe Menezes, avisaram, durante a campanha, para a necessidade de dar tempo ao novo líder para apresentar um projecto alternativo.

“Mudar”, “Romper” e “Unir” são os lemas de Passos Coelho, Paulo Rangel e Aguiar-Branco, respectivamente, para convencer os militantes. Mas o que o congresso extraordinário de Mafra e a campanha eleitoral comprovaram é que o PSD está longe da pacificação interna. Os candidatos acreditam que será novamente a chegada ao poder a pacificar as “tropas” laranja. Até lá, têm de aguentar uma máquina partidária que congrega desde operários conservadores e profissionais liberais, um partido rural e outro mais urbano. Todos sedentos de poder.

## Máquina trituradora de líderes

“Há sempre uma pressa enorme de chegar ao poder”, lembra Azevedo Soares, número dois da direcção de Marques Mendes, responsabilizando a imaturidade democrática e a falta de centros de reflexão no seio dos partidos por esta pressão. Em Espanha, o Partido Popular (centro-direita) aguenta Mariano Rajoy no leme há vários anos, mesmo não conseguindo mais do que chefiar a oposição. Yuri Morejón, analista político do país vizinho, explica que a “paciência e a convicção são os aspectos que fazem triunfar os gran-

des projectos”. Sem esquecer que o público final são os eleitores: “Se um líder é acarinhado pelos cidadãos, é difícil que o questionem dentro do partido”.

Desafiados pelo **Negócios**, os politólogos multiplicaram as teses para a agonia laranja, desde a mais lógica saudade do poder até à mais arriscada indefinição ideológica da social-democracia que, argumenta José Cardoso Rosas, em rigor poderia colocar o partido no espectro político do centro-esquerda [ver ao lado]. Miguel Morgado lembra, por outro lado, a falta de um projecto político de fundo, “digno desse nome”, provocando que sucessivos líderes, desde Fernando Nogueira até Ferreira Leite, que hoje abandona a cadeira do poder na São Caetano à Lapa, tenham sido julgados por programas sectoriais, medidas desgarradas, ‘soundbytes’ falhados numa entrevista televisiva ou inabilidades na gestão do aparelho partidário.

Apartir de segunda-feira, o renovado líder herda um partido com legítimas aspirações de voltar em breve a governar, “numa conjuntura péssima para o País mas excelente para o PSD”, como atesta Azevedo Soares. “Daí até chegar é outra coisa”, corrige de seguida o ex-ministro cavaquista, lembrando o “desastre” da liderança cessante, que falhou a vitória nas legislativas.

As desuniões começaram em 2004, a partir daí foi a divisão que se sabe. O novo presidente tem de exercer liderança com pulso forte.

### SANTANA LOPES

Presidente do PSD de 2004 a 2005

O próximo líder não pode ser demolido, minado ou fragilizado, tem de ter condições para se afirmar. Chega de dar tiros nos pés.

### MARQUES MENDES

Presidente do PSD de 2005 a 2007

Muita da belicosidade do PSD tem a ver com a falta de estabilidade ideológica, programática e organizativa.

### LUÍS FILIPE MENEZES

Presidente do PSD de 2007 a 2008

## UM PARTIDO ATRÁS DO PODER

A instabilidade na liderança não é de agora. Em 36 anos de vida, o PSD teve 16 presidentes cujos mandatos duraram, na maioria dos casos, menos de dois anos. Com a excepção de Sá Carneiro e Marcelo Rebelo de Sousa, só sobreviveram mais tempo os líderes que chegaram ao poder.

ANÍBAL CAVACO SILVA  
1985 - 1995



RUI MACHETE  
1985



CARLOS MOTA PINTO  
1984 - 1985



NUNO RODRIGUES DOS SANTOS  
1983 - 1984



FRANCISCO PINTO BALSEMÃO  
1980 - 1983



FRANCISCO SÁ CARNEIRO  
1979 - 1980



JOSÉ MENERES PIMENTEL  
1978 - 1979



ANTÓNIO SOUSA FRANCO  
1978



FRANCISCO SÁ CARNEIRO  
1974 - 1977



## UM DESTES TRÊS HOMENS



JOSÉ PEDRO AGUIAR-BRANCO

Perto de 79 mil militantes escolhem hoje o 17º líder de um partido com 36 anos de uma vida quase ininterrupta de convulsões internas. Antes e depois da década de maioria absoluta de Cavaco Silva, o PSD teve no “ADN” fissuras internas de causas múltiplas. Passos Coelho, Paulo Rangel e Aguiar-Branco: um deles chegará à presidência, na expectativa do regresso social-democrata ao poder

ANTÓNIO LARGUESA [alarguesa@negocios.pt](mailto:alarguesa@negocios.pt)

## CAUSAS PARA A SANGRIA DE LÍDERES NO PSD



### INDEFINIÇÃO IDEOLÓGICA

Face à falta de clareza no posicionamento ideológico do partido, o que pode unir os

social-democratas é uma liderança política forte, quase supra-ideológica. Embora uma presidência carismática seja importante para qualquer força política na oposição, ela é ainda maior num partido que não tem nenhum outro enredo discursivo para se afirmar. Os problemas de identidade são comprovados nos estudos de opinião, que colocam os eleitores-tipo do PSD bem mais à direita no espectro político em relação aos seus deputados. Esse desajustamento, apontam os analistas, reflecte-se no facto do PSD, embora ocupando o lugar de centro-direita querer apresentar-se como social-democrata, portanto mais à esquerda.



### HETEROGENEIDADE DA BASE APOIANTE

Desde a sua fundação, o PSD sempre teve uma base militante mais urbana e outra

muito grande com implementação no chamado País rural, fazendo conviver operários de base conservadora com profissionais liberais. Deu ao PSD uma capacidade de captar as aspirações próprias dessa dupla natureza, mas com o correr da história essa tensão acabou por gerar conflitos silenciosos, como se viu no passado recente. Hoje em dia, com a progressiva “urbanização” da própria sociedade, o problema pode não ser tão premente. Porém, os analistas avisam que continua a existir um “partido de cima” (dos “barões” mediáticos) e “um partido de baixo”, das “bases” e da ala populista de Santana Lopes ou Filipe Menezes.



### FALTA DE PROJECTO ORIENTADOR

Quando não existe um projecto associado a uma liderança, mas apenas um conjunto

de propostas desgarradas e sectoriais, os partidos têm dificuldade de afirmação. Como o PSD perdeu esse grande projecto orientador, de grandes princípios, os líderes acabam por ser julgados numa base personalizada, por exemplo uma entrevista falhada na televisão. O líder até pode ter legitimidade, mas não tem autoridade. Um problema maior para os partidos do centro-direita porque o centro-esquerda beneficiou de movimentos ideológicos do exterior (Clinton em 1992, Blair em 1994) que lhe deram um “lugar natural”. O centro-direita teve de se adaptar, encontrar um projecto alternativo, um exercício de definição que o PSD nunca fez.



### AFASTAMENTO DO PODER EXECUTIVO

Este não é um factor exclusivo do PSD, mas comum ao PS, o outro partido político do arco

governamental, que quando esteve afastado pelo poder, nomeadamente durante a década de governação cavaquista, teve também problemas em segurar os líderes mais do que três anos. No entanto, a verdade é que desde o afastamento de Cavaco da liderança social-democrata, e após dez anos em que o actual Presidente da República “secou” tudo em volta no PSD, os social-democratas só conseguiram ascender ao Governo por uma vez, e mesmo essa legislatura não chegou ao fim. O poder é o combustível que move os partidos e o PSD não tem tido “paciência” para aguentar os seus líderes que não chegam de imediato ao poder.



**FERNANDO NOGUEIRA**  
1995 - 1996



**MARCELO REBELO DE SOUSA**  
1996 - 1999



**JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO**  
1999 - 2004



**PEDRO SANTANA LOPES**  
2004 - 2005



**LUÍS MARQUES MENDES**  
2005 - 2007



**LUÍS FILIPE MENEZES**  
2007 - 2008



**PAULO RANGEL**



**PEDRO PASSOS COELHO**



**MANUELA FERREIRA LEITE**  
2008 - 2010

**QUEM VAI LIDERAR O PSD A PARTIR DE HOJE**

## PERGUNTAS A...

### ● ARTUR AZEVEDO SOARES

EX-MINISTRO DE CAVACO SILVA E EX-VICE-PRESIDENTE DO PSD

“Para se ser bom líder, não é necessário chegar ao poder”

**Em 1995 disse que a saída de Cavaco não era tabu, que o PSD iria continuar a ter lideranças fortes. O que falhou?**

Quando se tem opiniões sobre o futuro, corre-se o risco de falhar. Ainda tivemos Marcelo, um grande líder; Durão, de quem não sou próximo politicamente mas que chegou a primeiro-ministro; também Marques Mendes, que por irracionalidade e conflitos internos foi deitado abaixo numa altura difícil. Para ser bom líder, não é essencial chegar ao poder, mas Menezes e Ferreira Leite foram desastres. Agora vamos ver...

**Faz sentido invocar uma indefinição ideológica como parte do problema?**

Há, de facto, um vazio ideológico grande, mas vivemos uma época em que conta mais o pragmatismo e o realismo para resolver problemas. Faz falta ao PSD apresentar um programa em que as pessoas acreditem, com metas e objectivos não abstractos. Porém, há manifestas diferenças entre o grosso dos militantes do PSD e do CDS.

**ajudado à consolidação do líder.**

As instituições democráticas em Portugal são frágeis, há sempre uma pressão enorme de chegar ao poder, os partidos são novos e não têm centros de pensamento. O combustível que faz funcionar os partidos é estar no poder. Ao não gerar o mesmo interesse estando na oposição, contribui para que líderes sejam queimados enquanto não chegam ao poder. No PS aconteceria o mesmo, mas tem estado mais anos no poder.

**Algum dos três candidatos pode vir a ser um líder bem-sucedido?**

As condições políticas de acesso ao poder nunca foram tão boas, são favoráveis a qualquer candidato. Daí até chegar é outra coisa... O PS está dividido e desnordeado, sem qualquer ideia política na cabeça, estão para aí a governar a toque de caixa das instituições internacionais. São condições más para o País, para o PSD são excelentes. Mas não basta ao PSD as pessoas estarem descontentes com o Governo, é preciso haver confiança naquilo que se oferece como oposição.

**Estar longe do poder também não tem**